

FREZZATTI JR., Wilson. **Nietzsche e a fisiopsicologia francesa do século XIX**. São Paulo: Humanitas, 2019. (Nietzsche em perspectiva, 5).

Jelson R. de Oliveira¹

Se a tradição ocidental considerou a teologia como a rainha das ciências, na filosofia de Nietzsche, esse posto passa ser ocupado pela psicologia, amplamente utilizada por ele em seus escritos, seja como arma contra a metafísica (como ocorre no chamado segundo período de sua produção, entre 1876 e 1882), seja como perguntas sobre as condições de surgimento dos valores, na perspectiva da vontade de poder (como ocorre no chamado período de maturidade). É como psicólogo que Nietzsche analisa a personalidade e o modo como autores e grandes personagens históricos se relacionaram com a vida e formularam ideias e obras como sintomas da força ou da decadência das forças vitais. Além disso, é como psicólogo que o filósofo alemão se interessa pelos elementos fundadores da moralidade, precisamente aqueles aspectos afetivos e volitivos, que estariam, segundo ele, na origem das avaliações de valores.

Esse debate é o *background* do novo livro do professor Wilson Antonio Frezzatti Jr., intérprete já muito conhecido por todos os pesquisadores/as de Nietzsche por sua competência e ineditismo, demonstrado em trabalhos anteriores, decisivos e relevantes na interpretação da filosofia nietzschiana no Brasil. Neste novo livro, Frezzatti desenvolve uma análise da relação de Nietzsche com a psicofisiologia francesa do século XIX, mormente o psicólogo Théodule-Armand Ribot. Wilson não pretende mostrar que Nietzsche é um simples seguidor de Ribot. Trata-se, antes, de apontar como o filósofo alemão “compartilha uma série de questões com a discussão francesa” (p. 37), ou seja, trata-se de aproximar Nietzsche da psicologia experimental francesa do século XIX não necessariamente revolvendo raízes mas, antes, descobrindo terrenos comuns sobre os quais tais raízes distintas cresceram. O livro, lançado pela já prestigiada coleção *Nietzsche em perspectiva*, da Editora Humanitas, da Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas da USP, está organizado em oito capítulos e traça um panorama desses problemas e, com isso, oferece um quadro não apenas adequado do ponto de vista teórico, mas sobretudo estimulante para que se possa melhor compreender a relação de Nietzsche com a psicologia, tema que, como se sabe, lhe é absolutamente caro.

O que Wilson faz é demonstrar que a aproximação do pensamento do filósofo alemão com as ideias do psicólogo francês, oferece um rico mosaico, ao mesmo tempo instigante e

¹ Doutor em Filosofia. Professor e atual coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, PR, Brasil. E-mail: jelson.oliveira@pucpr.br

elucidativo, da própria história do pensamento psicofisiológico do século XIX. Tal aproximação, contudo, não pode decair em uma mera convergência, dado que não há nenhuma evidência de que Nietzsche tenha de fato lido Ribot. Compreendendo, ato contínuo, o que significa de fato uma influência sobre o pensamento de Nietzsche, no sentido de que este muito mais reinterpreta do que assume as ideias de seu meio e as utiliza para descrever o seu próprio pensamento. Por isso, muito adequadamente, o professor Wilson fala, antes, não de uma repetição, mas de uma “transposição e assimilação” (p. 97) de ideias por parte de Nietzsche em relação a Ribot. A aproximação proposta, portanto, não conjuga as semelhanças, mas sobretudo, acentua as especificidades: o confronto das ideias, faz com que cada um dos autores seja visto naquilo que lhe é próprio; isso porque, como se depreende da leitura da obra, embora semelhantes, são distintos. Dessa forma, mas para distanciar a vista, com objetivo de ver melhor, o livro de Wilson Antonio Frezzatti Junior acaba por esclarecer a posição da psicologia e, sobretudo, da fisiopsicologia no pensamento de Nietzsche.

O livro do professor Wilson, ao aproximar Nietzsche e Ribot, acaba por estabelecer uma moldura para a própria história do pensamento psicológico no século XIX. De um lado, a busca por uma maior cientificidade, de outro, a utilização da psicologia como método filosófico inovador, cujos resultados serão decisivos para a formulação de um novo modo de pensar, não mais ligado à busca pela verdade unicamente, mas sobretudo aquele que, atento os valores, acaba por estabelecer a sua base primordial no tratamento do corpo, em seu estatuto de integralidade e em seu papel central na investigação das coisas humanas. O grande evento da psicologia do século XIX, portanto, comparece como tema central dessa aproximação: “a irrupção do campo do não consciente” (p. 22), o que se traduz também na aparição da vida como tema maiúsculo da filosofia nietzschiana.

Nessa perspectiva, Wilson retoma o interesse que o século XIX alimenta pela psicologia, principalmente pela psicologia empírica, e mais especificamente por aquela desenvolvida por Condillac e mesmo Maine de Biran, que deixaram de ver a alma como tema central e desviam sua atenção para a sensação. Ao invés de uma ciência da alma, precisamente, a nova psicologia se tornava uma investigação das sensações, ou seja, dos afetos e instintos infra-conscientes. Trata-se, portanto, de des-metafísica a psicologia. Para tanto, Wilson mostra claramente que, para Ribot, a psicologia deveria ser experimental, para fugir da base metafísica do espiritualismo, do materialismo e do mundo interior que era o seu fechamento. A nova psicologia deve ficar atenta também aos fenômenos psicológicos que se relacionam com o exterior, entre os quais as sensações, a imaginação, os sonhos, o sonambulismo, o êxtase, o

sangue e a loucura. Se a psicologia metafísica havia fechado os olhos para os dados fisiológicos, ela acabou por recuar a uma abstração subjetiva.

Ao estabelecer a conexão de Nietzsche com a psicofisiologia francesa, o professor Wilson faz um levantamento útil e ao mesmo tempo original dos vários trabalhos em torno da temática. Algo que serve de apoio teórico para a sua própria obra e que ele oferece, gentilmente, para os estudiosos de Nietzsche e das temáticas em órbita.

Wilson conclui que é muito difícil estabelecer exatamente o que o filósofo alemão deve ao psicólogo francês. Aliás, Nietzsche citou explicitamente o nome de Ribot apenas duas vezes em sua obra - na verdade, em duas cartas de 1877, uma dirigida a Rée e outra a Malvida von Meysenburg. Nessas cartas, Nietzsche faz referência direta à *Revue philosophique de France e l'étranger*, fundada por Ribot e, segundo consta, lida por Nietzsche. Essa informação passa a ser muito relevante no conjunto da obra, porque serve de elo entre o pensador alemão e a tradição francesa da psicologia fundada por Ribot. Wilson analisa pelo menos três aspectos importantes que mostram essa conexão: a ideia de que a consciência é um produto do desenvolvimento orgânico; a decadência cultural causada por doenças fisiológicas; e a luta dos afetos e impulsos para se tornarem conscientes (p. 82).

Ressalta-se, nesse sentido, os aspectos da psicofisiologia de Ribot no pensamento nietzschiano, tema do capítulo três do livro do professor Wilson, entre os quais o método patológico (que valoriza a doença como tema filosófico), a continuidade entre o físico e o espiritual, a relação entre memória e esquecimento, a ideia de nobreza ou aristocracia, a questão das castas indianas e a relação entre educação e o retorno do tipo original. O primeiro desses pontos, é amplamente discutido no capítulo quatro, no qual se valoriza a relação com ou a experiência da doença como parte do experimento do indivíduo consigo mesmo. Algo que, como se sabe, é bastante evidente na teoria nietzschiana, na medida em que a metafísica é tratada como sintoma de um determinado modo de existência, uma existência que teme a vida. O professor Wilson, portanto, acaba por adentrar nos meandros da temática da doença de Nietzsche, tanto do ponto de vista da sua experiência pessoal, quanto, sobretudo, porque esse tema se tornou assunto filosófico. As relações, portanto, entre filosofia e saúde, tornam-se necessárias porque indicam precisamente o sintoma das leituras realizadas por Nietzsche desses vários autores que formam o conjunto chamado de psicólogos franceses do século XIX.

O resultado é uma análise da multiplicidade de perspectivas sobre a subjetividade, realizada por Wilson no capítulo cinco de sua obra, no qual aparecem as críticas de Nietzsche à invenção do espírito puro e do bem em si, desde Platão até a modernidade. Wilson mostra, acertadamente, como estas posições de Nietzsche a favor da multiplicidade do sujeito, derivam

da suas leituras da psicofisiologia do século XIX. O pano de fundo dessa questão é, precisamente, a ideia de que o estado de consciência não é o estado preponderante na ideia de personalidade, mas apenas uma parte nova e fraca daquilo que são os acontecimentos fisiológicos (corporais). Isso implicaria negar a ideia de unidade do eu, em nome da multiplicidade. Wilson tem o mérito de articular esse problema com o famoso tema da vontade de poder, interpretado como uma luta cujo lugar é o corpo, na perspectiva de uma unificação dos movimentos fisiológicos e corporais, rompendo com isso com o dualismo.

É isso que levou autor ao sexto capítulo, no qual ele discute como a ideia de psicologia em Nietzsche pode ser entendida como uma “morfologia e teoria do desenvolvimento da vontade de potência” e demonstra como, por isso, a psicologia se torna uma fisiopsicologia e que, no limite, leva à oposição cultura e civilização, já que o psicólogo passa a ser visto como um psicólogo da civilização.

Nietzsche e a psicofisiologia francesa do século XIX inclui ainda outros dois capítulos, no qual o autor analisa “o problema de Sócrates” como um exemplo da fisiopsicologia nietzschiana (capítulo 7) e, no capítulo final, como a perspectiva fisiopsicológica de Nietzsche acaba por superar tanto a metafísica quanto a própria psicofisiologia científica proposta por Ribot, na medida em que ela serve de arma contra a moral cristã e, mais precisamente, em vista de uma avaliação dos valores. Os dois conceitos-chaves para essa transposição são a vontade de poder e o eterno retorno, que Nietzsche vai desenvolver em paralelo a suas reflexões sobre a psicofisiologia francesa.

O livro de Wilson portanto, é uma espécie de indicação e convite para que perspectivas diferentes dessa aproximação possam ser aprofundadas, verificadas e comparadas por outros pesquisadores interessados em compreender as raízes francesas do pensamento nietzschiano. Isso porque o livro é rico em referências, comentários, notas de rodapé e citações da própria obra do Nietzsche em comparação com passagens dos autores da psicologia francesa, principalmente aqueles que constam na *Revue*. O retrato final deixa ver a importância do estudo das fontes científicas de Nietzsche, Wilson acaba por mostrar como o filósofo estava conectado com as ideias de seu tempo e a partir delas acaba por desenvolver a sua própria filosofia, digerindo-as a seu modo, assimilando muitas dessas ideias para formular os aspectos mais importantes de sua filosofia.

Nessa obra, portanto, Wilson Antonio Frezzatti Jr. não apenas mostra que está em ótima forma intelectual, como apresenta um trabalho sério e denso, cuja importância é inédita na interpretação de Nietzsche no Brasil e cuja lacuna seu livro preenche plenamente. Isso porque, além de todos os aspectos já apontados, Wilson realiza uma perspectiva metodológica de leitura

dos textos nietzschianos, que ele mesmo apresenta como sendo um pensamento que ocorre *por intermédio* de suas fontes, utilizando-se, especificamente, nesse caso, dos escritos da chamada psicofisiologia francesa. O resultado é que, lendo o livro do Wilson, podemos aprender a ler melhor também o próprio Nietzsche. E mais ainda, podemos entender como Nietzsche *lia* aquilo que ele lia.